

**SEMINÁRIO MAIOR ARQUIDIOCESANO DE BRASÍLIA
NOSSA SENHORA DE FÁTIMA**

CURSO DE TEOLOGIA

LUCAS TADEU DA SILVA

**A PNEUMATOLOGIA DO CONCÍLIO VATICANO II À LUZ DA
ESCOLÁSTICA E A SUPERAÇÃO DO PNEUMACENTRISMO
PROTESTANTE EM YVES CONGAR**

BRASÍLIA

2019

LUCAS TADEU DA SILVA

**A PNEUMATOLOGIA DO CONCÍLIO VATICANO II À LUZ DA
ESCOLÁSTICA E A SUPERAÇÃO DO PNEUMACENTRISMO
PROTESTANTE EM YVES CONGAR**

Trabalho apresentado ao curso de Teologia do Seminário Maior Arquidiocesano de Brasília Nossa Senhora de Fátima, como requisito para avaliação parcial do tratado de Pneumatologia, sob orientação do Pe.Edilson dos Santos Costa.

BRASÍLIA

2019

A PNEUMATOLOGIA DO CONCÍLIO VATICANO II À LUZ DA ESCOLÁSTICA E A SUPERAÇÃO DO PNEUMACENTRISMO PROTESTANTE EM YVES CONGAR

Resumo: O objetivo deste trabalho é apresentar o pensamento de Yves Congar sobre a Pneumatologia do Concílio Vaticano II, através do retorno às fontes dos Escolásticos, como São Tomás de Aquino. Além disso, será apresentado o pensamento equivocado dos reformadores protestantes, que é marcado por um pneumacentrismo, bem como a resposta da Igreja dada a esses pensamentos. Em seguida será pormenorizada a pneumatologia presente no Concílio Vaticano II, que influencia as pesquisas atuais sobre o Espírito Santo, e soluciona os problemas anteriores. Tudo isto visa dar uma visibilidade ao trabalho de Yves Congar, e incentivar a pesquisa sobre este tema, tão importante, porém muito esquecido nas academias teológicas.

Palavras-chave: Espírito Santo; Pneumatologia; Vaticano II; Escolástica; Reforma.

Abstract: This academic work aims to present the thoughts and ideas of Yves Congar about the Pneumatology of the Second Vatican Council, by the returning to the sources of the Scholastics, like St. Thomas Aquinas. In addition, the misconceptions of the Protestant Reformers, which is marked by a pneumacentrism, will be presented, as well as the Church's response to these thoughts. Next, the pneumatology present at the Second Vatican Council, which influences the current research on the Holy Spirit, will be detailed and solve the previous problems. All this aims to give a visibility to the work of Yves Congar and to encourage research on this very important theme, but much forgotten in the theological academies.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	5
1 A TEOLOGIA DO ESPÍRITO SANTO NOS SÉCULOS XII E XIII	6
1.1 A Pneumatologia da Baixa Idade Média	6
1.2 O Espírito Santo em São Tomás de Aquino	8
1.3 O erro escatológico de Joaquim de Fiore.....	11
2 O PNEUMACENTRISMO PROTESTANTE.....	13
2.1 O pensamento dos reformadores.....	13
2.2 A resposta católica da Contrarreforma	16
3 A PNEUMATOLOGIA DO CONCÍLIO VATICANO II.....	18
3.1 A Referência Cristológica.....	18
3.2 Pneumatologia e Eclesiologia	20
3.3 A Pneumatologia pós-conciliar.....	22
CONCLUSÃO.....	25
REFERÊNCIAS	27

INTRODUÇÃO

A Pneumatologia é um tratado ainda pouco estudado nos dias atuais. Isto se dá porque a figura do Espírito Santo foi tratada de modo periférico, e além disso, durante a história foram surgindo algumas ideias equivocadas sobre a ação do Espírito Santo. Deste modo, Yves Congar, monge beneditino e teólogo de grande relevância no século passado, escreveu a sua obra coletânea *Creio no Espírito Santo*, no intuito de aprofundar os estudos sobre a Terceira Pessoa da Santíssima Trindade.

A grande renovação sobre o estudo e o culto ao Espírito Santo se dá no Concílio Vaticano II, que conseguiu trazer de volta a dimensão cristológica da pneumatologia, bem como colocar a Igreja como receptora dos bens espirituais. Esta centralidade de Cristo foi uma influência da Escolástica no Concílio.

Com efeito, nos séculos XII e XIII, os teólogos procuraram reconhecer o Espírito Santo como Dom à Igreja, para santificá-la e fazê-la chegar à prática das virtudes. Neste período há a grande figura de São Tomás de Aquino, que coloca o Espírito Santo como princípio de ação do cristão em direção à beatitude, a Deus que é o Sumo Bem. Contudo, neste mesmo período, aparecem os erros escatológicos dos joaquimitas, que culminaram na visão protestante da pneumatologia.

A Reforma Protestante procurou em tudo romper com a Igreja, pois para os reformadores não há Igreja Visível, uma vez que o Espírito Santo é derramado sobre todos, e isto faz com que os fiéis não dependam da hierarquia para chegar a Deus e receber as moções do Espírito. Diante disso a Igreja teve de dar uma resposta apologética na Contrarreforma, e procurou mostrar que é um erro exaltar as Escrituras e ter de negar a instituição para isso.

Por fim, será visto que o Concílio procurará solucionar isto, e dar uma nova face à Pneumatologia, face esta que será a base de todo estudo posterior sobre a figura do Espírito Santo.

1 A TEOLOGIA DO ESPÍRITO SANTO NOS SÉCULOS XII E XIII

O período de grande renovação acadêmica para a Igreja certamente se dá na Escolástica, e isto não é diferente quando se trata do Espírito Santo. Neste caminho a ser percorrido, será visto como este assunto foi tratado primeiramente segundo alguns teólogos da Baixa Idade Média, e depois o pensamento tomista, e como eles influenciarão mais tarde o Concílio Vaticano II, apesar do erro protestante inaugurado pelo erro de Joaquim de Fiore.

1.1 A Pneumatologia da Baixa Idade Média

A Teologia do Espírito Santo neste período da história eclesial é marcada pela tentativa de encontrar o papel da Terceira Pessoa da Trindade na atuação da Igreja, sendo ele o responsável por sempre renovar a vida eclesial. Para isso, cabe dizer que o Espírito Santo é aquele que distribui os diversos dons aos cristãos, para que enriqueçam sempre mais a Igreja e seus fiéis.

Um dos grandes autores teológicos deste período é Hugo de São Vitor, e que, inspirado no pensamento agostiniano, mostra na sua obra *De Sacramentis christianae fidei* que o Espírito age na Igreja justamente porque ela é o Corpo do qual Cristo é a Cabeça. Assim sendo, os membros deste corpo são vivificados pelo Espírito Santo, não podendo isentar-se de receber Dele os dons espirituais. Contudo, Congar afirma que neste período ainda não havia uma teologia que explicasse essa relação corporal entre Cristo e a Igreja, mas isto não é obstáculo para se refletir, e assim, “a Cabeça é a primeira a ter o Espírito em plenitude; através dela, desce até os membros”¹. Deste modo, o Espírito Santo vivifica a Igreja, agindo nela gratuitamente, segundo seus desígnios espirituais.

No entanto, por “Corpo de Cristo” não entende-se somente a Igreja, que é o seu corpo eclesial, mas também o seu corpo natural nascido de Maria, e seu corpo eucarístico e sacramental. Assim sendo, o mesmo Espírito Santo age nos três corpos, pois estes estão intimamente ligados, o que demanda pensar que em todos estes corpos há uma epiclese, onde o Espírito Santo é derramado, ainda que mais notavelmente em uns do que em outros, e para isso, Congar relembra que “é certo que a ausência de uma verdadeira epiclese ao Espírito Santo no Cânone romano tirou a chance de uma teologia

¹ CONGAR, 2005, p. 155

correspondente”², todavia, sabe-se, pela fé, que é por ele que o pão e o vinho são consagrados no Sacrifício Eucarístico.

Um outro tema de grande relevância neste período, e que perpassará a Pneumatologia tomista é aquele referente aos dons do Espírito. Muitas vezes estes eram entendidos puramente de modo nominalista, onde o dom representa aquilo que seu nome significa. Os teólogos tinham por base o texto de Isaías “sobre ele há de pousar o espírito do Senhor, espírito de sabedoria e inteligência, espírito de conselho e fortaleza, espírito de conhecimento e temor do Senhor” (Is 11,1-3). Seguindo esta passagem, o Ocidente a numeração de sete, para designar os dons do espírito. Isto tornou-se ainda mais evidente a partir do século, quando, influenciados por Agostinho, “o Ocidente cristão muitas vezes implorou os sete dons do Espírito, os celebrou, procurou entendê-los”³. Deste modo, os dons passaram a adquirir uma natureza semelhante a das virtudes, bem como às outras coisas que eram representadas na Teologia pelo número sete.

Uma grande figura teológica deste período é Rupert de Deutz, que na sua obra magna *De Trinitate*, faz uma reflexão sobre os acontecimentos representados pelo número sete nas Escrituras. Para ele muitos dos acontecimentos da história da Igreja são causados pelos dons do Espírito Santo, como por exemplo a Sabedoria que é a causa da Encarnação, da Paixão e da Redenção do Verbo, o Entendimento está ligado aos apóstolos, o Conselho à rejeição dos judeus aos pagãos convertidos, a Fortaleza relaciona-se aos mártires, aos doutores, aos monges, e, por fim, o Temor de Deus relaciona-se à escatologia.

Um exemplo que prova a prioridade pneumatológica deste período é o do frei dominicano Tiago de Vitry, eu era um grande devoto de Santa Maria d’Oignies, que era membra da associação das beguinas. Tiago de Vitry, ao falar sobre sua santa de devoção, por palavras e ícones, a colocava sempre sob os sinais dos dons do Espírito, sobre isso, Congar mostra que “a iconografia do final do século XII e do século XIII representava comumente Cristo dando, como eu partindo dele, os sete dons do Espírito Santo”⁴. Portanto, o Espírito Santo, como doador dos dons, é retratado com grande ênfase nesses dois séculos.

Congar mostra também que alguns autores, como Dom A. Wilmart, exaltam a figura do Espírito em detrimento do Pai e do Filho, justamente porque entre Eles apenas o Espírito é doador de dons, sendo, enfim “a misericórdia que devolve confiança ao

² CONGAR, 2005, p. 156

³ CONGAR, 2005, p. 157

⁴ CONGAR, 2005, p. 158

pecador: sem ele não seria possível se apresentar diante de um Pai e de um Filho que condenam”⁵. Ainda segundo Dom A. Wilmart, cada um dos dons é capaz de libertar de um pecado capital oposto, através da prática das virtudes e das bem-aventuranças. Este esquema de ligação dos dons com as virtudes, as bem-aventuranças e os pecados capitais servirá de base para que São Tomás, a ser tratado a seguir, fundamente sua Pneumatologia. Sobre isto, o beneditino Antonio Royo Marín, grande comentador deste tratado, assim confirma, já citando o Doutor Angélico, em sua obra *O Grande Desconhecido: o Espírito Santo e seus dons*:

Tal como os frutos, as bem-aventuranças não são *hábitos*, mas *atos*. Como os frutos, também procedem das virtudes e dos dons, mas são tão perfeitos que deve-se atribuí-los aos dons, mais do que às virtudes. Por causa das esplêndidas recompensas que as acompanham, são já nesta vida como que uma antecipação da bem-aventurança eterna⁶

Deste modo, conclui-se piamente que os dons do Espírito Santo tiveram grande espaço na teologia dos séculos XII e XIII, e este pensamento influenciou os autores posteriores, que, como se sabe, são a base da Pneumatologia do Concílio Vaticano II.

1.2 O Espírito Santo em São Tomás de Aquino

São Tomás desenvolve sua Teologia do Espírito Santo na *Summa Theologica*, e, como em quase todo o seu pensamento moral, mostra que o homem sempre age movido por um Bem que o impele a buscá-lo. De fato, a grande meta do homem, o seu Sumo Bem é Deus, e todas as suas ações são realizadas em vistas de alcançá-Lo. O objetivo do aquinate era mostrar a grandeza e majestade de Deus, mas sobretudo a liberdade do homem que, de modo livre, busca a Deus, pois “Assim, como Deus, o homem tem antes em si mesmo o princípio de seu movimento: faculdades, atos, ‘ayances’, virtudes”⁷. Assim, o homem “elege” a Deus, e o reconhece como sumamente bom.

Contudo, o homem não é totalmente livre neste sentido, pois ainda existem alguns fatores externos a ele que o move a agir, e aqui entra o próprio Deus, bem como o demônio. Deus faz o homem retornar a ele, e o demônio atua na liberdade, com sugestões nocivas. Assim sendo, “o princípio externo, que move para o bem, é Deus, que nos instrui pela lei e nos ajuda pela graça”⁸. Nesta visão tomista Deus não é apenas um ditador de

⁵ CONGAR, 2005, p. 158

⁶ MARÍN, 2017, p. 133

⁷ CONGAR, 2005, p. 159

⁸ TOMÁS DE AQUINO, 2016, p. 545

normas, Ele auxilia o homem a buscar o Bem, que é Ele mesmo, e isto o faz através da graça, “não apenas o socorro das graças atuais, mas dons profundos e estáveis, a graça, as virtudes e os ‘dons’”⁹. Aqui já se percebe o início de uma separação entre estes termos: graça, virtude, dom. Tomás, no entanto, se contenta em que mostrar que o homem, na realidade, é movido por um princípio superior.

Portanto, é pelo impulso do Espírito Santo que o homem busca a Deus como sumo bem, como vai afirmar o Doutor Angélico na *Suma contra os Gentios*:

E como o Espírito Santo procede por modo de amor, e o amor tem certa força impulsiva e motora, vê-se que é propriamente atribuído ao Espírito Santo o movimento das coisas que procedem de Deus. Ora, o primeiro movimento dessas coisas vindas de Deus é entendido segundo Deus produz as diversas espécies, tirando-as da matéria criada e informe. Por isso, a Sagrada Escritura atribui esta operação ao Espírito Santo, pois é dito: *O Espírito de Deus movia-se sobre as águas* (Gn 1,2)¹⁰

Deste modo, Tomás reconhece o Espírito Santo como sendo este propulsor do movimento de busca a Deus por parte do homem, e isto desde sua criação, para mostrar que o homem, desde o seu germe, depende de Deus, e é movido por Ele.

De fato, Tomás não está preocupado em pormenorizar os conceitos de virtude, dom e graça, sua grande ênfase está em mostrar que o homem é movido por algo superior a ele, e para isso retoma Is 11,1-3, que não fala nem em dom, nem em virtude, nem em graça, mas em “espírito”, como uma moção, um sopro. Congar, então, mostra que a influência aristotélica em Tomás também aqui é válida, pois o Filósofo em algumas de suas obras falava sempre de uma *hormé*, que é “uma inclinação, um impulso do apetite superior. Tomás aplica essa noção ao impulso divino ultrapassando o uso da razão”¹¹. Olhando nesse ângulo, de fato se percebe uma grande diferença entre virtude e dom, pois aquela depende do esforço do homem, enquanto este é dado por Deus, sendo então “disposições que tornam o cristão delicadamente sensível para escolher e seguir as inspirações do Espírito”¹².

Assim sendo, Tomás atribui ao Espírito santo lugar de grande destaque no agir humano, que vai além até mesmo da razão, que é um elemento tão caro ao Doutro Angélico. Isto se dá porque neste contexto, “Um outro nos leva, não sem nós, não de

⁹ CONGAR, 2005, p. 160

¹⁰ TOMÁS DE AQUINO, 1996, p. 748

¹¹ CONGAR, 2005, p. 160

¹² CONGAR, 2005, p. 160

forma violenta, mas além de nossas visões e de nossas condutas previstas”¹³. Aqui São Tomás é mais espiritual, pois mostra a importância de o homem deixar-se levar pelo Espírito, “que sopra aonde quer” (Jo 3,8). Ele coloca definitivamente o Espírito Santo como Dom de Deus, “não só enquanto que é o Amor infinito no seio da Trindade Beatíssima, mas também enquanto está em nós por *missão* ou envio”¹⁴.

Deve-se, no entanto, tomar cuidado para não achar que esta diferenciação entre virtude e dom faz com que Tomás considere o dom como estando acima das virtudes, inclusive das teologais, pois “estas, nos unindo *ao próprio Deus*, não têm nada acima delas, os dons estão a serviço do perfeito exercício delas”¹⁵. Deste modo, Congar mostra que São Tomás também buscou explicitar qual é a função dos dons na prática dessas virtudes. Para isso, como já dito da influência de Dom A. Wilmart sobre o Doutor, o aquinate procurará mostrar que para cada dom há uma virtude e uma bem-aventurança correspondentes. Deste modo, não há perfeição na prática das virtudes infusas sem os dons do Espírito Santo. Royo Marín, seguindo o Doutor Angélico, coloca os dons como necessidade essencial para a prática das virtudes:

(...) a razão fundamental é pela grande desproporção entre as virtudes infusas mesmas e o sujeito onde elas residem: a alma humana.

Com efeito: como é sabido, as virtudes infusas são hábitos sobrenaturais, divinos, e o sujeito no qual se recebem é a alma humana, ou, mais exatamente, suas potências ou faculdades¹⁶

Aqui se vê a não-exclusão das virtudes por parte dos dons, mas a necessidade destes na prática delas, que leva o homem a encontrar-se e assemelhar-se a Deus. O Espírito Santo, assim, coopera com o cristão na prática das virtudes, e o impulsiona a agir buscando a Deus de forma habitual, e isto se dá em sua alma.

Neste pensamento tomista ainda cabe falar sobre as bem-aventuranças (cf. Mt 5,1-12). Elas são a garantia que o próprio Senhor dá ao homem de sua recompensa final. Todavia, convém que o homem proceda de modo a agradar a Deus, bem como a estar disposto ao sacrifício de sua vida, que não consiste na felicidade puramente terrestre, mas chorar, ser pobre e ser perseguido, para depois ser consolado, ver a Deus e ver a grande

¹³ CONGAR, 2005, p. 161

¹⁴ MARÍN, 2017, p. 118

¹⁵ CONGAR, 2005, p. 161

¹⁶ MARÍN, 2017, p. 126

recompensa celeste, e assim, “por causa das esplêndidas recompensas que as acompanham, são já nesta vida como que uma antecipação da bem-aventurança eterna”.¹⁷

Portanto, este é o pensamento de São Tomás: o homem busca a sua felicidade, e sempre é movido até Deus, seja por suas próprias forças, através da prática das virtudes, seja movido pelo próprio Espírito Santo e seus dons. Assim, os dons, as virtudes e as bem-aventuranças cooperam com o homem que busca a Deus.

1.3 O erro escatológico de Joaquim de Fiore

Neste período do final da Escolástica, surge um grande erro teológico chamado joaquimismo, procedente de Joaquim de Fiore, que procurava anunciar o “tempo do Espírito Santo” na história. Será perceptível que este erro introduzirá e abrirá alas para o surgimento do pneumacentrismo Protestante.

Joaquim de Fiore foi o fundador e abade do mosteiro de Fiore, que, a princípio havia ligações com a Ordem dos Cistercienses, reformou este mosteiro, rompendo com a ordem, e tornando-o mais rígido em algumas coisas e ideias. Joaquim escreveu várias obras, principalmente de caráter exegético. Uma dessas obras, *Concordia Novi ac Veteris Testamenti*, procura, segundo Congar, fazer um “entendimento de correspondências entre os elementos da história veterotestamentária, os da história evangélica e os, passados ou futuros, da história da Igreja”¹⁸. Assim, Joaquim de Fiore procura interpretar as Sagradas Escrituras, bem como a ação, e períodos históricos, e isto fundamentará seu erro futuro.

Segundo Fiore, três são os grandes períodos históricos, o primeiro é o Antigo Testamento, o segundo é o Novo Testamento, e, por fim, o terceiro é o Tempo da Igreja de Cristo. Ele, então, atribuirá cada um destes tempos a uma Pessoa da Santíssima Trindade. Neste caso, o Espírito Santo, como procedente do Pai e do Filho, é o Evangelho Eterno, que sucederá o Evangelho de Cristo. Deste modo, “Os personagens e os fatos do Evangelho de Cristo simbolizam realidades futuras na era do Espírito e na Igreja espiritual”¹⁹. Por fim, estes personagens da era do Espírito serão os homens espirituais e contemplativos, do qual Fiore mesmo se inclui.

Deste modo, o tempo do Espírito tomará o lugar do tempo da pura letra, e haverá uma liberdade espiritual, onde estes homens espirituais poderão cantar seus hinos a Deus.

¹⁷ MARÍN, 2017, p. 133

¹⁸ CONGAR, 2005, p 167

¹⁹ CONGAR, 2005, p 167

Ou seja, aquilo que está reservado para os filhos de Deus no fim da história, na parusia, Joaquim coloca como acontecimento histórico, “como objeto de uma expectativa, de uma esperança”²⁰.

Este posicionamento de Joaquim acarretou muitos questionamentos e críticas. O professor Noeli Dutra Rossatto, em seu artigo sobre o Evangelho Eterno, resume estes questionamentos:

A expressão *Evangelho eterno*, com certeza, foi tomada por Joaquim do Apocalipse e indica uma nova mensagem a ser propagada. Está citada uma única vez por seu autor, no contexto do anúncio do Juízo Final, em que ele apresenta a seguinte visão: "Vi então outro anjo, que voava no ápice do céu, com uma mensagem a anunciar aos habitantes da terra, a toda nação, tribo, língua e povo - um Evangelho eterno" (Ap 14,6).

A outra questão que propomos tem como alvo o próprio pensamento joaquimita: o Evangelho eterno brota da hermenêutica espiritual dos dois testamentos bíblicos ou, de outro modo, acarreta o surgimento de uma nova escritura? Será, de fato, um novo testamento espiritual destinado a reinar soberanamente, no terceiro estado do mundo?²¹

Estes questionamentos e controvérsias gerados pelo pensamento joaquimita gerou o aparecimento de diversas críticas feitas às suas ideias.

Entre tais comentários se destaca o de São Boaventura, que na época era superior dos franciscanos, e concorda em partes com Joaquim, principalmente no que toca ao avanço da história rumo à Escatologia. Contudo, “se Boaventura se satisfaz assim com certos princípios de historiografia joaquimita, ele preserva, na linha de São Francisco, uma primazia absoluta e um caráter central a Cristo”²². Aqui se iniciam as críticas às ideias de Joaquim que se tornarão cada vez mais fortes.

São Tomás critica de forma radical o pensamento de Joaquim, questionando, inclusive, sua teologia trinitária. Não é possível, segundo o aqunate, fazer uma correspondência tão forçada entre o Novo e o Antigo Testamento. Deve, portanto, comenta Congar, crer que “o *status* ou regime do Novo Testamento é a um só tempo de Cristo e do Espírito”²³. De fato, é notável que o erro de Joaquim é justamente o de separar de modo vil a missão de Cristo e do Espírito. Esta separação será o cume do pensamento protestante, que como se sabe, será danoso para a teologia. Concordar com Joaquim é crer que Cristo abandonou sua Igreja, o que é uma contradição, pois Sua Esposa possui a

²⁰ CONGAR, 2005, p 168

²¹ ROSSATO, 2015.

²² CONGAR, 2005, p 169

²³ CONGAR, 2005, p 169

garantia dele mesmo que diz “eis que estou convosco todos os dias, até o fim dos tempos” (Mt 28,20).

Deste modo, ao término desta primeira reflexão percebe-se a importância do período escolástico para o pensamento sobre o Espírito Santo. De fato, conclui-se com ele que o Espírito não é nada mais que um dom de Deus derramado sobre a Igreja, para caminhar com ela, e continuar a missão de Cristo na história. Portanto, separar a missão de Cristo e a do Espírito é um erro absurdo, pois a Igreja caminha sob a luz da Trindade Inteira, e os dons da Terceira Pessoa da Trindade são derramados sobre ela para santificar os fiéis. Este período, como será visto, influenciará a renovação pneumatológica do Concílio Vaticano II, que procurará reconhecer o Espírito Santo como dom de Deus à Igreja, bem como uma reflexão de caráter cristológico. Contudo, por ora, cabe ver como este pensamento de perverteu com o erro protestante, onde o Espírito Santo foi instrumentalizado, e, ao invés de ser posto como dom para Igreja, é colocado como algo que faz o homem independê-la.

2 O PNEUMACENTRISMO PROTESTANTE

A Reforma Protestante, marcada pelo episódio de Martinho Lutero pregando suas 95 teses na Catedral de Wittemberg, em 31 de outubro de 1517, será uma grande ruptura com a Igreja, deixando-se, inclusive, levar pelas ideias da Renascença. Aqui será visto o erro pneumatológico dos reformadores, que será conhecido como pneumacentrismo, uma vez que tudo o mais será negado, em vistas de uma centralidade daquilo que é invisível nas realidades cristãs.

2.1 O pensamento dos reformadores

Com relação aos reformadores, Congar procura desenvolver de modo mais especial o pensamento de Lutero e Calvino. Segundo ele, ambos são fiéis à doutrina dos Concílios de Niceia e de Constantinopla. Eles procuraram combater algumas ideias provindas da Igreja, bem como outras ideias provenientes da própria Reforma Protestante, como os Schwärmer e os anabatistas. Segundo Congar, “tanto um como outro dos dois

maiores reformadores afirmaram, cada um à sua maneira, uma união entre um ‘instrumento’ externo da graça, a Escritura, e uma ação do Espírito”²⁴.

Para Congar, a doutrina de Lutero sobre o Espírito Santo é bem clara: “É toda relativa ao Evangelho, à fé em Jesus Cristo meu Salvador, através da escuta da Palavra e da adesão a essa Palavra”²⁵. Assim sendo, a Escritura não necessita de ser explicada pelo Magistério Eclesial, nem mesmo interpretada, mas ela se auto explica, pelo Espírito Santo, aos fiéis. Deste modo, mesmo o critério de canonicidade dos Livros Sagrados não depende da hierarquia da Igreja, mas do testemunho do Espírito Santo. Esta será a luta eterna de Calvino.

Calvino pensava que a posição da Igreja era a da suprema autoridade da Escritura, embora isso seja falso. Congar concorda com a posição calvinista de atribuir a Deus a autoridade sobre as Escrituras. O pensamento calvinista, deste modo, se consolida ao afirmar que “não se pode identificar o testemunho interno do Espírito com a voz da consciência do homem e finalmente com a razão: isso é evidentemente produto”²⁶.

Todavia, Congar não procura se debruçar sobre a posição de Calvino em relação ao Espírito Santo e as Escrituras, mas a “Eclesiologia de Calvino”, com aspas garrafaís. De fato seu posicionamento em relação à Igreja é grave: o Espírito Santo age diretamente no fiel, sem mediação da Igreja, mesmo em relação à Eucaristia: a graça e a presença deste sacramento é dada pelo Espírito Santo diretamente ao fiel. Congar critica essa posição de Calvino, e mostra que, mais tarde, ela será superada:

Veremos depois que uma pneumatologia é sadia se houver a referência cristológica à Palavra, aos sacramentos, à instituição eclesial, com a condição de quem em tudo isso o lugar e a função do Espírito sejam plenamente reconhecidos e respeitados ²⁷

Assim mostra-se que a teologia do Espírito Santo de Lutero e Calvino é falha, pois lhes falta a tão importante referência cristológica, pois, como diziam os escolásticos, Cristo é a Cabeça deste Corpo, e sem Ele, o homem cristão não poderá subsistir em sua fé, mas sucumbirá num espiritualismo vão e passageiro.

Após desenvolver as ideias destes dois reformadores, Congar cita ainda alguns outros exemplos que mostram ainda mais o pneumacentrismo presente neste período.

²⁴ CONGAR, 2005, p 181

²⁵ CONGAR, 2005, p 181

²⁶ CONGAR, 2005, p 187

²⁷ CONGAR, 2005, p 187

Jorge Fox, que é o fundador da Sociedade dos amigos, ou *quakers* deixou-se influenciar por muitas escolas do fim da Idade Média e início do Renascimento, que por fim culminaram na ideias dos anabatistas de que somente o Espírito basta para a vivência cristã, havendo então uma atitude de crítica aos sacramentos, à hierarquia e ao magistério.

Ainda nos tempos atuais pode-se dizer que o maior erro eclesiológico dos protestantes é o de desconsiderar o caráter visível da Igreja, caráter esse que ganhará destaque no Concílio Vaticano II. Fox negava tudo o que havia de exterior, pois o Espírito Santo é a única regra a ser seguida pelos cristãos. Congar comenta que “Fox não concebia nem praticava outro culto comum que não fosse uma escuta de Deus em Silêncio, no qual se formava a oração interior e que era interrompida só e eventualmente por algum trecho da revelação que um dos participantes tinha recebido inspiração para comunicar”²⁸.

Deste modo se vê claramente a rejeição que Fox faz à Igreja e tudo o que há de visível nela, há somente aquilo que Deus fala diretamente ao interior do homem. Portanto, é de admirar-se a falta de senso eclesial existente em Fox, e Congar a destaca dizendo que “Fox não distingue bem a luz da consciência e o Espírito Santo; de resto, ele não tem teologia do Espírito Santo como terceira Pessoa. Ele não tem o senso da Igreja. O individualismo absoluto de sua inspiração é um limite terrível de uma vida (...)”²⁹.

Em sua obra Congar ainda cita a posição do pietismo com sua posição anti clerical, cita também as Cevenas e o seu falso profetismo, e por fim, Edward Irving, o pai do movimento de restauração protestante, que deu o pontapé inicial de um pentecostalismo na vida da Igreja.

Enfim, estas informações mostram que o a Reforma foi danosa com relação ao entendimento do Espírito Santo, pois o pneumacentrismo nada mais é do que a negação da ação do Espírito sobre a Igreja de Cristo. É, portanto, uma posição auto contraditória, pois, em vistas de exaltar de priorizar a figura da Terceira Pessoa da Trindade, acaba por negar a sua missão principal. Assim sendo, o movimento de Contrarreforma teve não somente de lutar contra a Reforma como um todo, mas teve um olhar atento à Teologia do Espírito Santo, como se verá a seguir.

²⁸ CONGAR, 2005, p 189

²⁹ CONGAR, 2005, p 189

2.2 A resposta católica da Contrarreforma

A Igreja sempre teve a convicção de ser ela mesma guiada pelo Espírito Santo. Portanto, os sacramentos, a hierarquia, e tudo aquilo que há de visível nela, deve ser manifestado como obra do Espírito Santo. Congar cita o exemplo de Santo Irineu, que já no período patrístico testemunhava a comunhão da Igreja com o Espírito Santo.

Deste modo, faz-se necessário crer que aqueles que estão à frente da Igreja também agem guiados pelo Espírito Santo, como diz Congar, “o Espírito é garantido aos pastores porque ele são os pastores *da Igreja*, reconhecidos por ela como tendo a graça que a habita e como designados e entregues pelo próprio Deus”³⁰. Portanto, os reformadores erraram ao pretenderem mostrar que o Espírito Santo é derramado apenas sobre os fiéis em geral, e ignorarem a hierarquia. Enfim, o *Catecismo da Igreja Católica*, ao falar da apostolicidade da Igreja, mostra que “ela continua a ser ensinada, sanificada e dirigida pelos Apóstolos até a volta de Cristo, graças aos que eles sucedem na missão pastoral: o colégio dos Bispos”³¹.

Portanto, como dito, a Igreja sempre esteve convencida de ser guiada por pastores cheios do Espírito Santo. Todavia, ela teve de ressaltar este aspecto de modo ainda mais eloquente depois dos questionamentos dos reformadores.

Congar neste capítulo procurará mostrar alguns daqueles que procuraram defender a Igreja dos erros dos protestantes, e começa citando São João Fisher, que, ainda sob o risco de padecer sob a Nova Igreja Anglo Saxônica, afirmava que o Espírito Santo é derramado não somente sob os apóstolos, mas sob toda a Igreja.

Na Alemanha, país de Lutero, surgiram alguns adversários de suas ideias, que procuraram mostrar “a interioridade recíproca entre Escritura e Igreja, com base em operações complementares do próprio Espírito Santo”³². Portanto, é uma pretensão muito equívoca querer rejeitar a Igreja em nome das Escrituras e do Espírito Santo.

Contudo, ao se falar de Contrarreforma, vê-se também o grande papel do Concílio de Trento. Lá os padres concordaram em mostrar que o Espírito Santo faz com que as tradições apostólicas sejam fielmente transmitidas, e deste modo, os cristãos devem dar crédito a estas tradições, do mesmo modo como dão crédito às Escrituras. Sobre isso Congar esclarece que “O concílio falou apenas das tradições apostólicas, mas, na linha do que os Padres, os concílios e a Idade Média sustentavam, entendia-se a ação do Espírito

³⁰ CONGAR, 2005, p 198

³¹ CIgC, 857

³² CONGAR, 2005, p. 199

para as determinações doutrinárias ou éticas pronunciadas pela ‘Igreja’³³. Assim sendo, Trento deixará claro que não se pode ignorar a Igreja e seus pastores a fim de exaltar as Escrituras de modo subjetivo.

Contudo, embora a Contrarreforma tivesse vindo para defender a Igreja dos erros da Reforma, houve, por parte da Igreja, alguns exageros na tentativa de defender-se, que Congar coloca como “uma tentação de absolutizar a instituição eclesial, dando ao seu magistério a garantia quase incondicional de ser conduzida pelo Espírito Santo”³⁴. De fato, se por parte dos Protestantes é um grande erro negar a instituição para absolutizar as Escrituras, não se deve, todavia, ignorar as Escrituras e os ensinamentos de Cristo para dar uma autoridade extrema à instituição. Não se deve, por parte da Igreja, achar que as Escrituras são tão insuficientes, que somente fariam sentido ao serem interpretadas por seus pastores.

Quando Congar diz isso, está procurando mostrar que houve por Magistério uma primazia que quase ofuscava as Escrituras e o próprio Espírito Santo. Por isso, ele cita a figura do professor Thomas Stapleton, que defendia a teoria de que o povo não deve crer no que é dito, mas em quem diz, referindo-se ao Magistério. No entanto, segundo Congar, um verdadeiro Magistério é aquele que reconhece o Espírito Santo sobre si, atribuindo a Ele todo mérito das revelações. Portanto, “Não se deve substituir um unilateralismo por outro, mas *integrar*, reconhecer, dando lugar que lhes cabe a *todos* os dons pelos quais Deus nos comunica a verdade de sua Palavra”³⁵. Esta é a posição mais sábia: reconhecer que o Espírito Santo é derramado sobre a Igreja de Cristo, e a inspira para interpretar as Escrituras, contudo, a Igreja deve reconhecer esta inspiração como dom, e não como provinda dela mesma.

Por fim, percebe-se que o modo de olhar a ação do Espírito Santo por parte dos que aderiram à Reforma Protestante é limitada, pois, ainda que o vejam como este Senhor que dá a vida, não reconhecem a Igreja de Cristo, porque ignoram a própria Cristologia. Isto causou e causa danos à Teologia. Todavia, é uma posição que se contradiz por si mesma, pois não se pode negar a Igreja, para exaltar as Escrituras, uma vez que é a Igreja mesma quem define o cânon dos Livros Sagrados. Portanto, reina na ideia Protestante o pneumacentrismo, que rejeita a Igreja, e ofusca o Cristo.

³³ CONGAR, 2005, p. 199

³⁴ CONGAR, 2005, p. 200

³⁵ CONGAR, 2005, p. 202

A tentativa de defesa da Igreja procurará reconhecer a importância da instituição, pois esta é guiada pelo Espírito Santo que foi derramado sobre os apóstolos, e que continua a ser infundido na Igreja. Porém, esta defesa muitas vezes foi abusiva, e chegou-se ao ponto de banalizar as Escrituras para exaltar a figura da instituição. Certamente este equilíbrio só será visto com o *aggiornamento* do Vaticano II e seu retorno às fontes, como será visto a seguir neste caminho a ser percorrido.

3 A PNEUMATOLOGIA DO CONCÍLIO VATICANO II

Yves Congar, que muito colaborou durante o Vaticano II, principalmente com a elaboração da *Lumen Gentium*, testemunha o desgosto de alguns membros conciliares de outras igrejas, pois a pneumatologia do Concílio era mínima. Todavia, embora haja uma certa razão nesse desgosto, isso não significa dizer que não houve menções ao Espírito Santo, ao contrário, houve diversas referências, porém tirar daí uma Pneumatologia foi o trabalho de Congar em sua obra. Convém aqui mostrar o retorno às fontes que foi feito neste importante Concílio, através das referências a Cristo e à Igreja.

3.1 A Referência Cristológica

Segundo Congar, “o concílio preservou a referência cristológica. Esta é bíblica; é condição essencial para uma pneumatologia saudável”³⁶. De fato, é perceptível, por parte do Concílio, o desejo de colocar novamente Cristo como centro e referência de toda ação da Igreja, para superar os erros dos protestantes e dos fundamentalistas que surgiram na Contrarreforma. Com efeito, o Espírito Santo é o espírito de Cristo, que foi derramado por Ele sobre a Igreja. Desta forma, três são os elementos essenciais: Cristo, o Espírito e a Igreja, de modo que “o Espírito Santo garante a fidelidade da Tradição e a verdade dos pronunciamentos solenes do ‘magistério’”³⁷.

No entanto, pensar assim pode causar a tentação de ver o Espírito Santo puramente como um santificador de caráter impessoal, sendo que, na verdade, nada mais é que o Espírito de Cristo, e por isso, não se fala do Espírito Santo sem a referência cristológica. São Paulo atesta isso mostrando que “a prova de sois filhos é que Deus enviou aos nossos

³⁶ CONGAR, 2005, p. 218

³⁷ CONGAR, 2005, p. 218

corações o Espírito do seu Filho, que clama: ‘Abá, Pai’” (Gl 4,6). Assim, o Espírito, que é de Cristo, é infundido nos fiéis, tornando-os filhos de Deus Pai.

Esta referência cristológica perpassa boa parte dos documentos conciliares, e não através de um cristomonismo, como há no Vaticano I, segundo Congar, mas numa relação trinitária, onde Deus Pai envia seu Filho ao mundo, e envia sobre Ele o Espírito Santo. Para mostrar que a obra da salvação que a Igreja continua é realizada na Liturgia, a constituição *Sacrossanctum Concilium* afirma que “como Cristo foi enviado pelo Pai, assim também ele enviou os apóstolos, cheios do Espírito Santo”³⁸.

A Constituição Dogmática *Lumen Gentium* certamente em muito procura colocar Cristo como referência, pois ele é a “luz dos povos”, na qual a Igreja, sob o impulso do Espírito Santo, é chamada a refletir:

O Filho de Deus, unindo a si a natureza humana e vencendo a morte com a sua própria morte e ressurreição, remiu o homem, transformando-o em nova criatura (cf. Gl 6,15; 2Cor 5,17). E, pela comunicação do Espírito, constituiu misticamente como seu corpo os seus irmãos, chamados de entre todas as gentes.³⁹

Assim sendo, vê-se no Concílio o anseio de mostrar Cristo como aquele que envia o Espírito à Igreja, e aqui se nota a influência daqueles teólogos escolásticos sobre o Concílio, pois, como visto, Hugo de São Vitor mostra que o Espírito é derramado sobre a Igreja, pois Cristo é a Cabeça, e sem Ele não seria possível haver uma Igreja repleta do Espírito Santo. Assim, “Este povo messiânico tem por cabeça Cristo, (...), e que agora, havendo recebido um nome que está acima de todo nome, reina gloriosamente nos céus. Este povo tem por condição a dignidade e a liberdade dos filhos de Deus, em cujos corações habita o Espírito Santo”⁴⁰.

Ao falar sobre a vida dos presbíteros, o decreto *Presbyterorum Ordinis*, também coloca Cristo como chave e modelo para todos os sacerdotes, pois Ele, como Sumo e Eterno Sacerdote, “tornou participante todo o seu corpo místico da unção do Espírito com que ele mesmo tinha sido ungido”⁴¹. Deste modo, há uma ordem: primeiro Cristo é ungido com o Espírito, e depois ele unge os seus fiéis, alguns com o sacerdócio ministerial.

³⁸ SC, 5

³⁹ LG, 7

⁴⁰ LG, 9

⁴¹ PO, 2

3.2 Pneumatologia e Eclesiologia

Felizmente o Concílio também relacionou a Igreja com a ação do Espírito Santo, e isto só é possível justamente por conta da referência trinitária, pois tal visão “funda a Igreja como comunidade de culto em espírito e verdade (...) a partir do Pai, pelo Filho encarnado, no Espírito, para o Pai”⁴². A Pneumatologia se relaciona com a Eclesiologia no Vaticano II justamente porque a união trinitária faz com que o Espírito aja na comunidade dos fiéis, enquanto Igreja, e não somente na pessoa do fiel, como queria propor os reformadores protestantes.

Sobre isso, certamente a maior conquista do Concílio foi trazer de volta a visão da Igreja como realidade visível e invisível, superando o protestantismo que desconhece as realidades visíveis: sacramentos, hierarquia, etc. A *Lumen Gentium* dedicará o seu oitavo número para falar sobre esta realidade:

Cristo, Mediador único, constituiu e sustenta indefectivelmente sobre a terra, como organismo visível, a sua Igreja santa, comunidade de fé, de esperança e de caridade, e por meio dela comunica a todos a verdade e a graça. Contudo, sociedade dotada de órgãos hierárquicos e corpo místico de Cristo, assembleia visível e comunidade espiritual, Igreja terrestre e Igreja já na posse dos bens celestes, não devem considerar-se como duas realidades, mas constituem uma realidade única e complexa, em que se fundem dois elementos, o humano e o divino⁴³

Aqui o Concílio, como dito, quer superar o erro dos reformadores, pois como realidade invisível, a Igreja é guiada pelo Espírito e por Cristo, e, como realidade visível, valoriza os sacramentos, a hierarquia, como partes essenciais para a Igreja de Cristo.

Ainda sobre a Eclesiologia do Vaticano II, Congar afirma que “Uma das grandes reentradas do Espírito Santo na eclesiologia pneumatológica do concílio foi a dos carismas”⁴⁴. De fato, o Espírito Santo derrama sobre a Igreja seus dons e carismas, a fim de que todo o povo possa servir a Deus através da comunidade dos fiéis, e assim edificar ainda mais a Igreja.

Talvez esta ideia venha para contrapor o exagero na autoridade do Magistério como visto na Contrarreforma, pois, sim, a Igreja e o Magistério devem exercer sua autoridade, mas os fiéis todos contribuem na edificação deste Corpo Místico, conforme o próprio Concílio reconhece no decreto *Apostolicam Actuositatem*, sobre o apostolado dos leigos: “A Igreja nasceu para que, dilatando o Reino de Cristo por toda a terra para glória

⁴² CONGAR, 2005, p. 220

⁴³ LG, 8

⁴⁴ CONGAR, 2005, p. 222

de Deus Pai, torne os homens participantes da redenção salvadora”⁴⁵, e falar em diversidade de carisma remete justamente ao Espírito, que suscita estes carismas nos fiéis, conforme o próprio São Paulo atesta à comunidade de Corinto: “há diversidade de dons, mas o Espírito é o mesmo. Há diversidade de ministérios, mas o Senhor é o mesmo” (1Cor 12,4-5).

Segundo Congar, esta revalorização dos carismas feita no Concílio possibilitou também a revalorização das Igrejas locais, pois dentro delas está a Igreja Universal inteira, pois caminham sempre em comunhão, e “Se, nessas condições, a Igreja total aparece como uma comunhão de Igrejas, o Espírito Santo será o princípio comunhão”⁴⁶. O Código de Direito Canônico também atesta isto ao dizer: “As Igrejas particulares, nas quais e das quais se constitui a uma e única Igreja católica (...)”⁴⁷. Esta visão provém justamente da ideia de comunhão vinda do Concílio.

Neste sentido, a Tradição da Igreja é guardada não somente pelos pastores, mas todo o povo que participa do múnus profético de Cristo pelo Batismo, embora, como atesta Constituição *Dei Verbum*, “o múnus de interpretar autenticamente a palavra de Deus escrita ou contida na Tradição, só foi confiado ao Magistério vivo da Igreja, cuja autoridade é exercida em nome de Jesus Cristo”⁴⁸.

O derramamento do Espírito sobre a Igreja faz com que ela possa olhar com ternura e profecia para os acontecimentos do mundo, não sendo indiferente ao que acontece, de bom e de ruim no mundo contemporâneo. Portanto, “O povo de Deus, levado pela fé com que acredita ser conduzido pelo Espírito do Senhor, o qual enche o universo, esforça-se por discernir nos acontecimentos (...) quais são os verdadeiros sinais da presença ou da vontade de Deus”⁴⁹.

Congar e este trabalho concluem o pensamento sobre a Pneumatologia do Vaticano II como esta sendo uma verdadeira e autêntica Pneumatologia: ela bebe das fontes escolásticas, supera o erro protestante, bem como o próprio erro da Contrarreforma, e dá aos fiéis um novo olhar sobre o Espírito Santo, cumprindo o próprio desejo de São João XXII ao convocar o Concílio, ou seja, no Vaticano II “apresenta-se exatamente a resposta que este obteve de todo o Povo de Deus”⁵⁰.

⁴⁵ AA, 2

⁴⁶ CONGAR, 2005, p. 223

⁴⁷ CIC, 368

⁴⁸ DV, 10

⁴⁹ GS, 11

⁵⁰ BAYLÃO, 2016, p. 114

Obviamente as conclusões e teorias desenvolvidas no Concílio foram e serão cumpridas a longo prazo, mas passados mais de 50 anos destas conclusões, vê-se na história e no Magistério da Igreja um desenvolvimento maior da Pneumatologia como fruto justamente do Vaticano II.

3.3 A Pneumatologia pós-conciliar

Os documentos do Concílio, como já visto, por si só já dão as pistas de ação e reflexão para se pensar o Espírito Santo hoje. Contudo, graças ao mesmo Concílio, muitos teólogos, bem como os próprios Pontífices têm refletido a Pneumatologia, fazendo crescer o conhecimento dos fiéis, e, principalmente o amor e a devoção à Terceira Pessoa da Santíssima Trindade. São Paulo VI já ocupa boa parte de seu pontificado ao Concílio, e conseqüentemente às reflexões pneumatológicas lá presentes.

São João Paulo II, nos seus 27 anos de pontificado, e muito pôde falar sobre o Espírito Santo, seja em suas encíclicas, seja em suas catequese. No mundo moderno, onde o homem se questiona sempre mais sobre sua fé e sua utilidade no mundo, o Espírito Santo aparece como aquele Consolador que anima a vida na fé, e faz o homem anunciar as maravilhas de Deus no mundo, bem como abrir as mentes e o coração para o perigo do pecado e do abandono a Deus, conforme o papa destaca na *Dominum et vivificantem*:

Infelizmente, a resistência ao Espírito Santo, que São Paulo sublinha, na *dimensão interior e subjetiva* como tensão, luta e rebelião que acontece no coração humano, assume, nas várias épocas da História e, especialmente, na época moderna, a sua *dimensão exterior*, concretizada no conteúdo da cultura e da civilização, *como sistema filosófico, como ideologia e como programa de ação e de formação dos comportamentos humanos*.⁵¹

Assim se vê no pensamento do papa uma preocupação com o homem moderno que abandonou a Deus e entregou-se ao pecado. Contudo, o Espírito Santo é a esperança de uma harmonização na dimensão interior e exterior do homem, que, apesar de tudo, tem sede do Deus Vivo (cf. SI 63,2).

De fato, o Espírito Santo fortalece o homem interior, e lhe dá vida nova, conforme se reza no Credo, chamando o Espírito Santo de “Senhor que dá a vida”, pois, como continua o papa, “A íntima relação com Deus, no Espírito Santo, faz com que o homem também se compreenda de uma maneira nova a si mesmo a à sua própria humanidade”⁵².

⁵¹ *Dominum et Vivificantem*, 56

⁵² *Dominum et Vivificantem*, 59

O papa em suas catequese depois ressalta ainda mais o papel do Espírito Santo no encontro do homem com Deus.

Então, se mediante o seu Espírito Deus Se comunica ao homem, este é continuamente chamado a doar-se a Deus com todo o próprio ser. Esta é a sua vocação mais profunda. A isto ele é solicitado sem cessar pelo Espírito Santo que, iluminando a sua inteligência e sustentando a sua vontade, o introduz no mistério da filiação divina em Jesus Cristo e o convida a vivê-lo com coerência.

53

João Paulo II aqui é coerente com o espírito do Concílio, onde o homem encontra-se com Deus através do Espírito Santo derramado sobre ele, e dando-o a filiação divina, conforme a carta aos Gálatas, já citada.

Uma última reflexão importante para este tema da atualidade são os frutos e a missão daquele que recebe o Sacramento da Confirmação. Sem dúvidas que o Concílio, por ser totalmente pneumatológico, abriu ainda mais a compreensão da Igreja sobre este importante sacramento, que, conforme o Catecismo, “aperfeiçoa o sacerdócio comum dos fiéis, recebido no Batismo, e ‘o confirmado recebe o poder de confessar a fé de Cristo publicamente, e como que em virtude de um ofício’”⁵⁴. Esta é uma missão importante: fomentar nos crismandos a consciência do Sacramento que irão receber, e a missão confiada a eles após sua recepção.

Diante desta urgência para com este Sacramento, São João Paulo II noutra catequese a importância de “formar com todo o cuidado os batizados que estão a ser preparados para receber a Confirmação, introduzindo-os nas fascinantes profundezas do mistério que ela significa e atua”⁵⁵. Uma vez instruídos nesta dimensão, os crismandos poderão perceber a importância do Espírito Santo também na vida espiritual pessoal, como o próprio Cristo nos testemunha, segundo Raniero Cantalamessa:

Observamos duas coisas em Jesus: *primeiro*, que orava incessantemente, que a oração era o próprio tecido de sua vida; *segundo*, que orava “no Espírito”. Façamos, pois, destas duas coisas na vida da Igreja e sobretudo na vida dos sacerdotes e dos pastores. Façamos, de modo particular, da oração pessoal, ainda que muitas coisas se apliquem também à oração litúrgica e comunitária.⁵⁶

⁵³ JOÃO PAULO II, 2003, p. 59

⁵⁴ CIGC, 1305

⁵⁵ JOÃO PAULO II, 2003, p. 77

⁵⁶ CANTALAMESSA, 1996, p. 50

Portanto, esta também é uma reflexão importante e atual sobre o Espírito Santo na vida da Igreja.

Por fim, uma boa Pneumatologia atual, que tornaria a Pessoa do Espírito Santo mais conhecida e mais amada deve partir das fontes, ou seja, o reconhecimento desta Pessoa como Dom e como Amor de Deus Pai para com seu Filho e sua humanidade. O cardeal Ladaria, atual prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé ressalta esta ideia, quando reflete sobre o Espírito Santo pensado nos dias de hoje:

Por tudo isso não é de estranhar que na teologia recente se acentue de diferentes maneiras esse especial modo do Espírito Santo manifestar, enquanto amor recíproco do Pai e do Filho, o ser mesmo de Deus. Assim, por exemplo, observa-se que no Espírito Santo encontra-se como “hipostasiado” aquilo que chamamos a essência, a natureza divina⁵⁷

Certamente a retomada dessa visão do Espírito como Dom e Amor de Deus se faz se grande valia para as reflexões atuais, pois um estudo dogmático profundo sempre partirá deste ponto, e além do mais, colocará o Espírito Santo não somente como Amor do Pai pelo Filho, mas como Amor de Deus pela humanidade, tão necessitada atualmente.

Caberia aqui ainda muitas outras reflexões pneumatológicas pós-conciliares, como o lugar dado ao Espírito Santo hoje na Igreja, através de movimentos como a Renovação Carismática Católica e as novas comunidades surgidas delas, bem como seu lugar também nas devoções populares, como as folias, além do fenômeno do Pentecostalismo protestante, entretanto, convém encerrar por aqui estas reflexões.

Por fim, houve uma grande renovação e aprimoramento do estudo do Espírito Santo durante o Concílio Vaticano II. Finalmete foi compreendido o seu lugar na vida da Igreja e dos cristãos. Foi superado o erro do pneumacentrismo, ao mesmo tempo que rejeitou-se um cristomonismo nascente da Contrarreforma. O estudo do Espírito Santo agora pode ser feito à luz de Cristo e da Igreja, e assim, tornar-se mais completo, de modo que faça mais sentido na vida das pessoas, que procuram ser sempre mais iluminadas pelo Espírito de Cristo.

⁵⁷ LADARIA, 2015, p. 341

CONCLUSÃO

Após este estudo sobre a Pneumatologia atual do Concílio Vaticano II, que esclareceu ainda mais a importância desta Pessoa, embora os méritos sejam de Yves Congar somente, vê-se que tal estudo passou por uma evolução e um processo de maturidade a longo prazo. De fato, não foi algo definido de modo tão imediato, como algumas proposições da Cristologia, por exemplo (embora não tenham sido definidas com facilidade), todavia, no Concílio este processo chega ao seu auge, e os estudos feitos a partir dele contribuirão com as próximas gerações.

Com efeito, o Vaticano II faz um retorno às fontes escolásticas, onde, como foi mostrado, o Espírito Santo é visto como um dom para santificar a Igreja de Cristo, através do exercício das virtudes, pois Ele move o indivíduo a buscar a Deus, que é o Sumo Bem, conforme ensina São Tomás de Aquino. Todavia, o abade Joaquim de Fiore difundiu a equívoca ideia de o tempo presente é o tempo do Espírito Santo, que supera o Evangelho de Cristo, e inaugura a felicidade eterna já aqui na história. Esta ideia influenciou o pensamento dos reformadores protestantes.

Durante a Reforma as ideias de Lutero e Calvino ganharam destaque na teologia do século XVI. Para ambos, não existe a Igreja Visível, e, portanto, os sacramentos, a hierarquia, e principalmente os ensinamentos do Magistério são desnecessários, pois o Espírito Santo é derramado sobre cada fiel em particular, que pode ler e interpretar as Escrituras conforme lhe apraz. Estas ideias incentivaram ainda outros reformadores, como os Quakers, que seguiam apenas uma única regra: a moção do Espírito. Deste modo, a Igreja teve de defender-se, e na Contrarreforma ela procurou mostrar que o Espírito Santo também é derramado sobre os pastores, e, portanto, estes têm autoridade para ensinar e guiar o povo de Deus. Contudo, neste período houve o erro de colocar a instituição acima das moções do Espírito, o que foi grave para a vida eclesial.

Finalmente as coisas se acertam durante o Concílio Vaticano II, onde a Igreja procurou renovar o seu pensamento pneumatológico, colocando a centralidade na Pessoa de Jesus Cristo, e renovando a sua Ecclesiolgia através da demonstração da Igreja como realidade visível e invisível, a pela valorização dos diversos carismas do Espírito. Este *aggiornamento* do Concílio vem sendo estudado nos dias atuais, onde se reconhece ainda mais a importância do Espírito Santo, e isto se manifesta nas diversas devoções surgidas.

Por fim, este mesmo Espírito, juntamente com a Igreja, poderá esperar a nova vida de Cristo, e os homens se juntarão a Ele na eternidade, pois como atesta São João, “o

Espírito e a Esposa dizem ‘Vem’! E aquele que ouve também diga: ‘Vem’! Quem tem sede, venha, e quem quiser, receba gratuitamente a água da vida” (Ap 22,17).

REFERÊNCIAS

AQUINO, Felipe (Org). **O Espírito Santo: João Paulo II: 34 Catequeses sobre o Espírito Santo**. Lorena: Cléofas, 2003.

BAYLÃO, Alexandre. **A Pneumatologia no Pensamento de Yves Congar**. São Paulo, 2016.

BÍBLIA SAGRADA: Tradução Oficial da CNBB, 2.ed. Brasília: Edições CNBB, 2019.

CANTALAMESSA, Raniero. **O Espírito Santo na vida de Jesus**. São Paulo: Loyola, 1985.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. Brasília: Edições CNBB, 2013.

CÓDIGO DE DIREITO CANÔNICO. São Paulo: Edições Loyola, 1983.

CONCÍLIO VATICANO II. **Apostolicam Actuositatem**. São Paulo: Paulus, 1997.

_____. **Dei Verbum**. São Paulo: Paulus, 1997.

_____. **Gaudum et Spes** São Paulo: Paulus, 1997.

_____. **Lumen Gentium**. São Paulo: Paulus, 1997.

_____. **Sacrossanctum Concilium**. São Paulo: Paulus, 1997.

_____. **Presbyterorum Ordinis**. São Paulo: Paulus, 1997.

CONGAR, Yves. **Creio no Espírito Santo, vol. 1: Revelação e experiência do Espírito**. São Paulo: Paulinas, 2005.

JOÃO PAULO II. **Dominum et Vivificantem**. 8. ed. São Paulo, Paulinas, 2009.

LADARIA, Luis F. **O Deus Vivo e Verdadeiro: o mistério da Trindade**. 4. ed. São Paulo: Loyola, 2005.

MARÍN, Antonio Royo. **O Grande Desconhecido: O Espírito Santo e seus dons**. 1. ed. Campinas: Ecclesiae, 2017.

ROSSATO, Noeli Dutra. **Evangelho Eterno: hermenêutica e fim da história em Joaquim de Fiore**. 2015. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-31732018000100061&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em 6.mai. 2019.

TOMÁS DE AQUINO. **Suma contra os Gentios**. Porto Alegre: Editora da PUC/RS, 1996.

_____. **Suma Teológica, vol. 2: Ia Illae**. Campinas, SP: Ecclesiae, 2016.